

Pais amigos

Ser-se pai não é uma tarefa fácil. A parentalidade representa um desafio na vida de qualquer pessoa.

Nos dias de hoje, ser-se pai parece significar também cumplicidade, tolerância e amizade. Autoridade e regras? Parecem ter passado para último lugar, na coluna de prioridades.

Os filhos de hoje são criados com extremo amor, mas com protecção e reverência excessiva, como se fossem pequenos Deuses, não sabem lidar com a realidade fora de portas. Não sabem lidar (porque nunca se lhes deu espaço) com a frustração que necessariamente o mundo exerce, em determinada altura, sobre todos nós.

Estes pais *superinvestem* os filhos, dando-lhes tudo, muitas vezes, para além daquilo que podem. São pais que há muito deixaram de viver as suas vidas, para passarem a viver apenas as vidas dos filhos. As suas alegrias são unicamente as alegrias deles, os objectivos, apenas os dos filhos.

Pais que querem e lutam, pelo que julgam ser o melhor para os filhos: a melhor casa, o melhor carro, o melhor salário, e até a(o) melhor namorada(o), o melhor para o melhor de todos os filhos do mundo!

É assim que os criamos, pouco tolerantes, na primeira frustração... desiste-se, porque “...EU, o melhor, não estou para isto”

E frustração atrás de frustração, quando os pais já não podem proteger, aparece aos 30 anos a frustração derradeira: filhos em casa, com poucas ou nenhuma responsabilidades, pais... desiludidos. Isto acontece porque, na maioria das vezes, foram os pais que impediram que se desenvolvesse a autonomia afectiva necessária. Existe conforto a mais. “Para que mudar, quando temos tudo?”

Há os filhos frontais, os que exigem directamente, mas também há os filhos gato, que pedem (exigem) com olhos ternos, mais uma ajuda para a prestação do carro e da casa, “...porque este mês está difícil. Na viagem a NY gastei demais”

E a verdade é que o mundo não gira em torno dos nossos filhos, apenas nós o fazemos. Criar neles a sensação de onipotência, de que tudo podem e a quem tudo se deve, nada ajuda, nada constrói.

Ser-se pais não é, ao contrário do que actualmente se diz, ser-se amigo e camarada. Partilhar intimidades, não é papel de pais, mas de amigos. O diálogo entre pais e filhos deve ser aberto, mas não um confessional.

Ser-se pais é, em primeiro lugar, educar. Esta é, provavelmente, a melhor forma de amar. Educar é estar presente, é dar atenção, é olhar e dar a mão quando necessário e deixar que ele siga sozinho quando for a altura. É respeitar, pegar ao

colo, mas também repreender, se necessário. Educar é amar, saber esperar com o coração nas mãos, porque só o espaço lhes permite crescer.